



O ESPÍRITO ABONI DAS COISAS

ITAMAR VIEIRA JÚNIOR

O sol *bahi* cresceu no céu *neme* com muita luz. Agora é hora de partir. Tokowisa se pinta para adentrar a floresta. Tokowisa carrega penas, zarabatana, arco e flecha. Tokowisa tem os pés descalços e o corpo forte. Quando entra na floresta, não se distingue a força de uma árvore da força de Tokowisa. Não se distingue o espírito *aboni* de uma árvore do espírito *aboni* de Tokowisa. Não se distingue o espírito *aboni* de um caititu kobaya do espírito *aboni* de Tokowisa, nem o de um macaco-guariba dyico do espírito *aboni* de Tokowisa. Todos os animais falam e indicam os caminhos das coisas. Tokowisa para, escuta o que a árvore diz. Ele se agacha na beira do rio *faha* e escuta o que lhe diz. Olha para o céu *neme* para logo depois fechar os olhos e escutar o que a chuva *faha* lhe diz.

Tokowisa precisa encontrar a palmeira de abatosi para curar sua mulher, Yanici, que espera um filho. Tokowisa tem outros filhos e filhas. O velho xamã disse que Tokowisa tem que encontrar a palmeira de abatosi nas terras de longe. Tokowisa tem suas pernas e quer chegar a uma das mil margens do rio *faha*. Também tem braços, e é na canoa que sobe os igarapés até chegar ao leito do grande rio. A mulher de Tokowisa tem sangramento e faltam luas para seu filho nascer. A mulher de Tokowisa, Yanici, já não carrega o cesto e não cuida da roça de mandioca e milho. Ela fica deitada na rede e Tokowisa sai para caçar. Mas o pensamento *ati boti* de Tokowisa fica com a mulher. O xamã soprou tabaco sobre o corpo da mulher e invocou os deuses. Pediu que lhe trouxesse a abatosi para poder curá-la. Tokowisa não vai partir com outros homens de sua aldeia porque seu espírito *aboni* o levará para uma terra de guerra. Ele e o xamã sabem do perigo. Tokowisa deve seguir sem os homens de sua aldeia.

“É você mesmo?”, perguntou o xamã. “Sim, sou eu mesmo”, respondeu Tokowisa. O xamã queria saber se o espírito *aboni* de Tokowisa habitava seu corpo. “Vá para uma das mil margens do rio *faha* e colha as folhas verdes e os frutos da abatosi”, ordenou o xamã. “Sim, eu vou”, disse Tokowisa. “Pinte-se para a guerra”, ordenou o xamã. “Sim, eu faço”, respondeu Tokowisa. Então preparou sua canoa, amarrou os adereços em seu corpo, pegou as coisas de que precisava e saiu quando o sol *bahi* iluminou o céu *neme*.

Tokowisa prepara a canoa e espera o céu *neme* se iluminar. Deixa a filha mais velha, Neme, que já maneja o cesto e colhe a mandioca, para cuidar da mãe que não levanta da rede. Tokowisa sobe o igarapé remando suave pelas águas calmas. Vê peixes *aba* e pássaros *bani*. Olha para o céu *neme* e escuta tudo. Tokowisa tem que prestar atenção no coração *ati boti* da floresta porque nenhum sinal pode escapar ao seu espírito *aboni*. Para encontrar a abatosi, Tokowisa tem que escutar tudo, tem que olhar tudo, tem que conhecer



o movimento do vento *boni*, tem que ouvir o caminho das águas e os cantos dos pássaros *bani* no céu *neme*. Ele sobe o rio *faha* e se prepara para os dias em que ficará longe da aldeia. Tokowisa precisa de força para encontrar a abatosi. Pinta-se e entoia cantos para que os deuses ouçam e lhe deem a força e a riqueza de que precisa.

Tokowisa carrega no coração *ati boti* a imagem de Yanici deitada na rede e com a face pálida. Ela tem uma matilha de cães *yome* ao seu redor e as crianças que choram querendo peixe *aba* e bolo de mandioca *fowa kabe*. Yanici foi surpreendida por um feitiço lançado por um xamã da aldeia que guerreia contra a aldeia de Tokowisa. O feitiço era para Tokowisa, mas foi Yanici que caiu de fraqueza, porque carrega o filho guerreiro. O xamã teme que o espírito *aboni* de Yanici seja raptado pelos *inamati bote*, que moram debaixo da terra. Os *inamati bote* foram invocados pelo xamã que lançou o feitiço por vingança às perdas que tiveram na última batalha. Por isso, Tokowisa tem que trazer a abatosi para que as intenções dos espíritos velhos sejam revertidas. Tokowisa vai só, para que a aldeia *tabora* não fique desprotegida.

Tokowisa é um guerreiro, mas agora corre perigo. Sua aldeia está em guerra contra a aldeia *yawa* de uma das mil margens do rio *faha*. Tokowisa não vai comer carne de caça enquanto não encontrar a abatosi. Tokowisa não quer desagradar a *yama* que lhe visitou em sonho para indicar o local onde estava a palmeira de abatosi. A *yama* apareceu com olhos de fogo e pelo muito branco. Tokowisa lembra muito bem da palmeira de abatosi na beira de um igarapé, tal qual lhe apareceu no sonho. A *yama* levou Tokowisa até a palmeira de abatosi. Tokowisa não pode comer animais. Vai comer asahi e outros frutos que encontrar para não desagradar a *yama*. Seu povo teme a *yama*. Tokowisa não teme a *yama*.

Tokowisa e sua canoa sobem o rio *faha* e seus braços fortes manejam o remo *koyari*, muito atento, escutando para saber para que lado deve seguir. O rio *faha* vai dizendo com o som das águas e vai abrindo caminho para a canoa que sobe, deixando para trás a aldeia *tabora*. Rio acima, *nakani*. Rio abaixo, bato. Tokowisa não está sozinho porque o espírito *aboni* das coisas e dos animais o acompanha. Tokowisa não tem medo da guerra, nem dos homens da guerra, nem dos brancos. Tokowisa sabe que seu povo tem morrido porque os homens brancos querem levar os corpos das árvores. Tokowisa não tem certeza de que os brancos são humanos *jarawara*. Os homens brancos não temem a maldição reservada aos que desrespeitam a terra *wami*. Os homens brancos acham que eles existem sozinhos e que as árvores e os animais são desprezíveis. Os homens brancos matam velhos, matam mulheres, matam homens, matam crianças, tudo para levar o corpo das árvores. “Para que eles querem uma árvore sem seu *aboni*?” pergunta Tokowisa para si mesmo. “Se retirar a árvore da terra *wami* seu *aboni* vai para o céu *neme*”. “De que adianta ter uma árvore sem seu *aboni*?”, Tokowisa se pergunta quando para e descansa da viagem.



Tokowisa para e a noite *yama soki* desce no céu *neme*. Faz uma fogueira pequena que ilumina aquele pedaço da floresta. Yanici está vagando no pensamento de Tokowisa. Cansado, Tokowisa deita no chão da selva, com o arco, a flecha e a zarabatana ao seu lado. Tokowisa espera um sonho que indique se está perto ou longe da palmeira de abatosi. Fecha os olhos e espera.

Os homens carregam o arco e a flecha. As mulheres carregam o cesto. Os homens caçam e guerreiam. As mulheres roçam e cuidam dos homens que guerreiam. As mulheres dançam. Os homens dançam. As mulheres cantam. Os homens cantam. Pintam seus corpos com as cores da terra *wami*. O arco e a flecha permitem aos homens capturar a caça e o peixe *aba*. O cesto é para que as mulheres carreguem os frutos de suas roças. Milho *kimi*, mandioca *fowa bao*, mandioca *fowa basota*, mandioca *fowa nestona*. Os homens cuidam de suas mulheres, porque as mulheres são a força para os homens; os homens são a força para as mulheres. Tokowisa quer salvar Yanici e volta para a canoa na beira do rio *faha* para continuar a subir em busca da abatosi.

Tokowisa começa a ver um clarão na floresta que indica que tem homens brancos retirando árvores sem seu espírito *aboni*. Lembra que muitas histórias tristes chegam à aldeia e os homens se preparam para a guerra. As mulheres estocam alimentos na terra. Plantam todas as variedades de mandioca *fowa* e as deixam guardadas debaixo da terra para, quando chegar a guerra, alimentar seu povo. Os homens brancos têm madeira que cospe fogo e sangra os homens até a morte. Os homens da aldeia têm o arco e a flecha. Têm também a zarabatana que paralisa uma onça *yome* maior que um homem, com seu veneno. Os homens de sua aldeia guerreiam com os homens de outra aldeia. Tokowisa não teme nenhum deles. Tokowisa nasceu para ser guerreiro e participou de muitas batalhas. Sabe que nada pode passar na terra *wami* sem que seja vingado. Que tudo que fazemos aqui precisa ser vingado aqui mesmo.

Tokowisa é um homem que sobe o rio *faha* com sua canoa. Os guerreiros de seu povo não estão ao seu lado, mas Tokowisa tem o mundo: a terra *wami*, a água *faha* e o céu *neme*. Tokowisa pode falar com a pedra *yati* quando desce da canoa. Pode falar com o boto e ouvir sua resposta. Pode falar com os espíritos *aboni* do céu *neme*. Com o espírito *aboni* das árvores. Tokowisa carrega o mundo em seu coração *ati boti*. Yanici está em seu *ati boti*. Os seus filhos também.

Tokowisa ouve estrondos que parecem com o som da madeira que cospe fogo dos homens brancos. Estão matando o *aboni* das coisas, pensa. Tokowisa pode sentir clarões de luz vindo do interior da floresta. Tokowisa disse para o xamã que as árvores tremem de medo dos homens brancos que devoram a floresta. Tokowisa pode sentir o alvoreço na selva. Sabe que os espíritos *aboni* do céu *neme* serão implacáveis em sua vingança para com os homens brancos.



Passaram-se muitos dias e Tokowisa chega ao lugar que a *yama* do sonho lhe indicou. O sol *bahi* está no alto do céu. Sua luz desce entre as nuvens iluminando a solitária palmeira de abatosi na beira do igarapé. Tokowisa toca a palmeira de abatosi e pede licença ao seu *aboni* para subir em seu corpo. Sobe a palmeira de abatosi, retira as folhas mais verdes e os frutos mais maduros. Tokowisa respira, respira, respira. Bebe a água *faha* e desce com sua canoa para continuar sua viagem.

Chove muito, depois que Tokowisa continua a sua viagem. Ele resolve parar para que a chuva *faha* não encha sua canoa. Tokowisa, cansado, adormece. Não sonha, embora quisesse sonhar para ter notícias de Yanici. Os *yawa* veem uma canoa na margem do rio *faha*, debaixo de uma árvore, quando a chuva cessa. Os *yawa* reconhecem que ali dorme um inimigo *yawa*. Gritam e carregam Tokowisa para a aldeia *yawa* em uma das mil margens do rio *faha* que ele não conhece.

Tokowisa está preso na aldeia de uma das mil margens do rio *faha*. Os homens que guerreiam com sua aldeia *tabora* agora são donos do seu corpo. Tokowisa não teme os inimigos e sabe que deve morrer como um guerreiro. Não pode desapontar os homens de sua aldeia *tabora* com uma fuga da aldeia *yawa*. Como se os homens da aldeia *tabora*, sua aldeia natal, não fossem guerreiros para vingá-lo. Tokowisa não pode desapontá-los. Sabe que não é maior que todos os homens juntos. Tokowisa acredita que os guerreiros da aldeia *tabora* irão salvá-lo. Tokowisa sabe que agora será transformado em um inimigo *yawa*. Perderá seus adereços, seu arco, sua flecha, sua zarabatana. Perderá as cores da sua terra *wami*. Ganhará as cores da terra *wami* dos *yawa*. Ganhará adereços dos *yawa*. Mas o espírito *aboni* de Tokowisa nunca será um *yawa*.

Os *yawa* vão transformar Tokowisa em um deles. Depois os *yawa* irão comer seu corpo. Tokowisa partirá para o céu *neme*. Vai habitar o céu *neme* e encontrar todos que já partiram. As árvores mortas pelos brancos e os animais que comeu. Tokowisa viverá em guerra no céu *neme*, porque a guerra fez o homem da floresta. Tokowisa tem que levar as folhas verdes e os frutos da abatosi para resgatar o espírito *aboni* de Yanici e salvar seu filho. Passaram-se muitos dias, Tokowisa precisa encontrar uma forma de levar o que o xamã lhe pediu para reverter o feitiço. Tokowisa não pode desapontar os guerreiros de sua aldeia *tabora*. Os guerreiros esperam que Tokowisa dê-lhes a honra de resgatá-lo, e se não for possível, a honra de vingar a sua morte, mas não esperam que ele escape como um *bato mawa*.

Tokowisa precisa levar a abatosi para salvar Yanici. Os *yawa* pegaram a abatosi. Pegaram também o arco, a flecha, a zarabatana e a canoa. Tokowisa não tinha pés e mãos amarrados, mas era guardado pelos guerreiros *yawa*. Tokowisa sente tristeza porque quer salvar Yanici.



À noite, Tokowisa sonha com Yanici: está deitada na rede e tem os olhos fechados. Yanici tem suor no corpo e dá a luz a um caititu *kobaya*. Yanici fica feliz com seu caititu-filho. Mas de seu corpo desce um rio de sangue ama. Tokowisa desperta com o pio do araçari-de-bico-branco *howaraka*. O araçari *howaraka* está muito perto e é noite *yama soki*. Os *yawa* dormem. Tokowisa some. O araçari *howaraka* que viu na vida não é branco, mas o araçari *howaraka* que pousa e olha para Tokowisa é branco e tem os olhos vermelhos como a *yama*. Tokowisa aparece com o arco, a flecha, a zarabatana, as folhas verdes e os frutos da abatosi. Tokowisa leva tudo para a sua canoa, repousada em uma das mil margens do rio *faha*, e o araçari *howaraka* branco e de olhos vermelhos o observa. Tokowisa o chama e levanta o braço. O araçari *howaraka* pousa em seu braço. Os *yawa* dormem como que enfeitiçados pelo *yama* que é o araçari *howaraka*. Tokowisa coloca tudo na canoa e sente vontade de partir. Tokowisa leva o araçari *howaraka* para a canoa, ele voa e pousa só. Tokowisa sente o cheiro da *yama* que é o araçari *howaraka*. Empurra a canoa para que ela possa descer o rio *faha* e dorme.

A canoa chega até o igarapé nas margens onde fica a casa yobe de Tokowisa e Yanici. A filha de Tokowisa, Neme, desce até a margem porque reconhece a canoa do pai. Neme grita por pai *abi* e os homens e as mulheres da aldeia *tabora* descem ao seu encontro. Os homens recolhem o arco, a flecha e a zarabatana da canoa para que Neme não precise tocar e trazer má sorte para seu pai *abi*. Os homens recolhem as folhas e os frutos da palmeira abatosi. Neme pede que levem tudo até o xamã, para que ele possa curar sua mãe. Neme não conta para Yanici que Tokowisa não veio na canoa.

O xamã macera as folhas e queima parte delas até que se transformem em cinzas. O xamã cobre o rosto de Yanici de cinzas e a faz beber parte das folhas misturadas ao sumo dos frutos. Fala então palavras sagradas, invoca os deuses do céu *neme*, invoca o espírito *aboni* de Tokowisa. O xamã tem seus olhos voltados para o sagrado e sente que Tokowisa vive, que o seu espírito *aboni* não está no céu *neme*. Os homens da aldeia *tabora* se dividem: uns vestem-se para a guerra e sobem o rio *faha*. Rio acima, *nakani*. Rio abaixo, *bato*. Outros continuam na aldeia *tabora* para defender as mulheres, as crianças e os velhos.

Passam-se duas noites, dois dias, e Yanici se liberta dos *inamati bote* e recupera sua força. Desce à beira do igarapé, porque a hora do filho nascer se aproxima. Yanici contempla a canoa parada na beira da água *faha*. Canta porque sente saudade de Tokowisa. Canta também porque o filho de Tokowisa irá nascer. Se Tokowisa regressar, encontrará seu filho bebendo leite do seio de Yanici.